
O LUGAR E A VÁRZEA AMAZÔNICA: OS ESPAÇOS COTIDIANOS DO CAMPONÊS AMAZÔNICO

THE PLACE AND AMAZON RAINFOREST:
THE DAILY SPACES OF THE AMAZONIAN PEASANT

EL LUGAR Y LA SELVA AMAZÓNICA:
LOS ESPACIOS DIARIOS DEL CAMPESINO AMAZÓNICO

Elisane Pereira da Silva¹
Ricardo Gilson da Costa Silva²

RESUMO: O presente estudo tem por finalidade analisar a várzea amazônica enquanto lugar do camponês amazônico, evidenciando a relação entre a realidade mais próxima do camponês e as experiências produtivas nos ambientes deste ecossistema. Como objetivo, procurou-se compreender a várzea amazônica, a partir de sua organização socioeconômica e das transformações resultantes da relação entre as variáveis endógenas e exógenas na constituição do lugar. Nesse sentido, o Lugar é a categoria geográfica que pode ser compreendida como um espaço socialmente construído, estabelecido cotidianamente, a partir das relações entre atores sociais próximos e conflitantes. Na atualidade, onde a fluidez e a sincronia relacionam-se conjuntamente e a informação assume nítido protagonismo, o lugar se revela como manifestação de resistência e também de adaptação à ordem global. Desse modo, partimos do entendimento do lugar, tanto como arena, quanto como resultado final dos eventos. Optou-se pela abordagem metodológica quanti-qualitativa, uma vez que esta possibilita elaborar o perfil dos sujeitos pesquisados, assim como analisar as percepções desses atores sobre o tema abordado. Para a coleta em campo foi aplicada a técnica de questionários e entrevistas, e para análise de dados utilizou-se a análise de conteúdo. O campo da pesquisa ocorreu em quatro comunidades ribeirinhas que constituem o Furo Cachoeiry-Oriximiná-PÁ. Identificou-se que as experiências produtivas, tanto como provedora total da renda familiar ou complemento desta, são de grande relevância para os camponeses amazônicos que residem nas residem nas comunidades que constituam o Furo Cachoeiry.

Palavras-chave: Várzea Amazônica; Camponês Amazônico; Lugar.

1 Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – PPGG/UNIR. Integrante do Grupo de Pesquisa em Gestão do Território e Geografia Agrária da Amazônia – GTGA/UNIR. E-mail: zane-s@hotmail.com.

2 Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, Pós-Doutor pelo Programa de Posdoctorado em Ciências Humanas y Sociales da Universidad de Buenos Aires - UBA. Professor da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Coordenador do Grupo de Pesquisas em Gestão do Território e Geografia Agrária da Amazônia (GTGA) e do Laboratório de Gestão do Território (LAGET), ambos da UNIR. E-mail: rgilson@unir.br.

ABSTRACT: This study aims to analyze the Amazon floodplain as the place of the Amazon peasant, highlighting the relationship between the reality closest to the peasant and the productive experiences, in the environments of this ecosystem. The objective was to understand the Amazon floodplain from its socioeconomic organization and the transformations resulting from the relationship between endogenous and exogenous variables in the constitution of the place. The Place is the geographic category that can be understood as a socially constructed space, established daily, from the relationships between close and conflicting social actors. At present, where fluidity and synchrony are related together and information takes on a clear role, the place reveals itself as a manifestation of resistance and also of adaptation to the global order. In this way, we start from the understanding of the place both as an arena and as a final result of the events. The quanti-qualitative methodological approach was chosen, since it makes it possible to elaborate the profile of the researched subjects, as well as to analyze the perceptions of these actors on the subject addressed. For field collection, questionnaire and interview techniques were applied, and for data analysis, content analysis was used. The research field occurred in the four riverside communities that constitute the Furo Cachoeiry-Oriximiná-PA. It was identified that the productive experiences, both as a total provider of family income or as a complement to it, are of great relevance to the Amazonian peasants who reside in the communities that constitute the Furo Cachoeiry-Oriximiná.

Keywords: Amazonian Floodplain; Amazonian Peasant; Place.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo analizar la llanura de inundación del Amazonas como el lugar del campesino amazónico, resaltando la relación entre la realidad más cercana al campesino y las experiencias productivas, en los ambientes de este ecosistema. El objetivo era comprender la llanura de inundación del Amazonas, basándose en su organización socioeconómica y en las transformaciones resultantes de la relación entre las variables endógenas y exógenas en la constitución del lugar. En este sentido, Lugar es la categoría geográfica que puede entenderse como un espacio socialmente construido, establecido a diario, a partir de las relaciones entre actores sociales cercanos y en conflicto. Hoy en día, donde la fluidez y la sincronía se relacionan entre sí y la información asume un claro protagonismo, el lugar se revela como una manifestación de resistencia y también de adaptación al orden global. De esta manera, partimos de la comprensión del lugar como una arena y como un resultado final de los eventos. Se eligió el enfoque metodológico cuantitativo-cualitativo, ya que permite elaborar el perfil de los sujetos investigados, así como analizar las percepciones de estos actores sobre el tema abordado. Para la recolección de datos sobre el terreno se aplicó la técnica de los cuestionarios y las entrevistas, y para el análisis de los datos se utilizó el análisis de contenido. El campo de investigación ocurrió en las cuatro comunidades ribereñas que constituyen el Furo Cachoeiry-Oriximiná-PA. Se identificó que las experiencias productivas, tanto como proveedor total de ingresos familiares o como complemento de los mismos, son de gran relevancia para los campesinos amazónicos que viven en las comunidades que conforman el Furo Cachoeiry.

Palabras clave: llanura aluvial del Amazonas; campesino del Amazonas; lugar.

INTRODUÇÃO

No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que ele já é, mas, também pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado, torna-se nossa âncora (SANTOS, 2014a, p.163).

Na sociedade moderna nos deparamos com uma complexidade de eventos que, por ocorrerem em escala global, transcendem as fronteiras do local, porém, têm sua reprodução materializada no lugar. Como nos afirma Santos (2014a), o lugar é a oportunidade do evento e, também, depósito final deste. A articulação e a sobreposição do local e do global possibilita que essas escalas se apresentem como uma das especificidades do corrente período técnico-científico-informacional, devido à rapidez da informação e da fluidez da comunicação.

A globalização da economia não proporcionou a homogeneização dos lugares, pelo contrário, permitiu reforçar a diferenciação e as especificidades locais, sem desassociar-se da ordem global. O artigo tem como objetivo compreender a várzea amazônica a partir de sua organização socioeconômica e transformações resultantes da relação entre variáveis endógenas e exógenas.

A pesquisa utilizou uma das categorias-chave da Geografia – o Lugar. Assim, a escolha desta categoria geográfica parte do entendimento que essa fração do espaço dinâmico do cotidiano do camponês amazônico pode vir a contribuir de forma significativa para a compreensão do espaço geográfico como um todo. Deste modo, discute-se a categoria Lugar enquanto espaço vivido e construção socioespacial, de modo a contribuir para o entendimento da várzea amazônica e das mudanças sociais que ocorrerem em seu interior, principalmente em função das experiências produtivas desenvolvidas pelos camponeses amazônicos.

Dessa maneira, entendemos o lugar como a soma de objetos materializados e sistema de relações contrastantes (subjeto-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico). Assim, nas comunidades do Furo Cachoeiry, localizadas no município de Oriximiná, oeste do Pará, é comum observarmos os seguintes pares dialéticos: o novo e o velho, o tradicional e o moderno, o exógeno e o endógeno, enfim, as mudanças e permanências materializadas no espaço geográfico da várzea amazônica (COSTA SILVA; CONCEIÇÃO, 2017).

O lugar, segundo Souza (2013), é o espaço percebido e vivido que se configura num conjunto de significados, dos quais se desenvolvem e se extraem os “sentidos de lugares” e as “imagens de lugares”. Para o autor, a dimensão cultural-simbólica é fundamental para o entendimento das identidades, das intersubjetividades e das trocas simbólicas que antecedem a construção de imagens e sentidos dos lugares como espacialidade vivida e percebida. E acrescenta: “o lugar está para a dimensão cultural-simbólica assim como o território está para a dimensão política” (SOUZA, 2013, p. 115), elucidando a relevância da dimensão cultural-simbólica para a concepção de lugar.

Partindo do entendimento de ser um espaço dotado de significado, um espaço vivido, o lugar assume o *status* de espaço social. Assim, o lugar, por ser um espaço produzido socialmente, fruto da transformação e apropriação da natureza; contudo, desconectado de significado e vivência, leva ao entendimento que todos os espaços sociais podem ser um “lugar” (SOUZA, 2013). Da mesma maneira, por ser constituído nos espaços do cotidiano, o lugar “é a porção do espaço apropriado para a vida – apropriação através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua” (CARLOS, 2007a, p. 20).

A estrutura deste artigo parte dos dois pontos que nortearam a pesquisa: o lugar e a várzea amazônica. Na primeira parte, abordaremos a categoria geográfica lugar na perspectiva de Carlos (2007) e Santos (2014a). Na segunda parte, destacamos a várzea amazônica como o lugar do camponês amazônico.

O LUGAR COMO CATEGORIA GEOGRÁFICA: UM ESPAÇO VIVIDO, PERCEBIDO E SOCIALMENTE CONSTRUÍDO

Algumas das categorias chaves da Geografia se destacam quanto a sua relevância para o entendimento geográfico crítico, como é o caso da categoria de paisagem, território, lugar, região e espaço geográfico. De modo geral, a paisagem ocupa-se da fração do espaço que é visível e perceptível por meio dos sentidos: “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 2014b, p. 67 e 68).

Com relação ao território, este se refere a um espaço delimitado, onde suas fronteiras são determinadas social e politicamente: “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2013). O espaço geográfico é a categoria principal da Geografia, ou melhor, é o objeto de estudo desta ciência e, segundo Corrêa (2003), definir esse espaço é uma tarefa complexa, pois essa categoria tem variação de escala, desde a Geografia Tradicional até as ideias mais recentes da Geografia Cultural. Mesmo o espaço geográfico sendo discutido em diferentes perspectivas, vale ressaltar que essa categoria geográfica se refere à fração do espaço habitado e transformado pelo homem, sendo o resultado de conflitos e lutas da sociedade.

Quanto à região, essa categoria ocupa-se da continuidade do espaço dotado de características semelhantes e particulares, sejam essas econômicas, naturais, sociais ou culturais. No entanto, essa categoria, enquanto conceito geográfico, tem em seu debate epistemológico a relação contínua entre a política e o território, entre limites territoriais de soberania ou autonomia (GOMES, 2003). Quanto à categoria lugar, esta constitui uma parcela do espaço cotidianamente experimentado pelo sujeito, ou seja, o lugar se destaca quanto a sua relevância para o sujeito, pois é nessa fração do espaço que se constrói a identidade pessoal e ocorrem as relações afetivas e sociais: “um espaço percebido e vivido, dotado de significado, e com base no qual desenvolvem-se e extraem-se os ‘sentidos de lugar’ e as ‘imagens de lugar’” (SOUZA, 2013, p.114). São os arranjos dos “sentidos de lugar” e das “imagens do lugar” no cotidiano do sujeito que vai configurando o espaço geográfico, como aponta Moreira:

Todos moramos em lugares e temos familiares e amigos que moram em outros lugares. Estes diferentes lugares são ligados por ruas, avenidas, estradas. Pessoas, objetos e ideias fluem entre esses diferentes, entrecruzam-se através das artérias que põem em comunicação. Ajudam-se ou ignoram-se. De diferentes lugares são extraídos recursos que em diferentes lugares são transformados em objetos úteis e que são intercambiados entre diferentes homens. Uma combinação de lugares e de relações entre lugares tece uma unidade de espaço, o espaço geográfico, constituindo o espaço da existência dos homens (MOREIRA, 2005, p. 56-57).

O lugar, por se referir ao “nosso próximo”, é o espaço que experimentamos as relações de vizinhança e/ou proximidade, em que prevalece as subjetividades e as relações de afetividade. Isso posto, para entender as transformações ocorridas nesse espaço precisamos transpor as análises da racionalidade, pois, a subjetividade também incorpora as ações humanas, motivando suas atividades, tendo em vista que “uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam” (SANTOS, 2014a, p. 315).

Assim, a proximidade da categoria *lugar* com o sujeito não a torna um conceito de análise simples, pois, possibilita revelar informações relevantes a respeito da sociedade que o constitui em complexidade. A natureza do lugar lhe garante destaque na atualidade, deixando de ser simples instrumento de localização ou base física, ganhando expressão de uma construção socioespacial produzida a partir das relações entre os atores sociais e a base territorial utilizada como arena tanto para viver como para sobreviver:

Um lugar não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiências renovadas, o que permite ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2000, p.114).

Assim, o lugar passa a se constituir em espaço cotidiano de cada ator social que dele vive, percebe e o constrói socialmente, como expõe Carlos:

São os lugares que o homem habita dentro da cidade que diz respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando significado dado pelo seu uso (CARLOS, 2007, p.18).

No momento atual, o processo de globalização e a internacionalização da produção e consumo são um dos principais eventos a ocasionar que os lugares se tornem cada vez mais especializados, sem que, mesmo envoltos nesses dois processos totalizantes, o lugar não elimine todos os aspectos particulares de sua identidade: “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2014a, p. 339). As particularidades dos lugares que os individualizam podem ser observadas nas relações sociais, nas atividades econômicas e culturais e, por meio dessas manifestações verificadas no lugar, podemos entender muito sobre o mundo.

Dessa forma, a interligação entre o local e o global é consequência do avanço das redes ocasionado pelo aumento do fluxo de informações, bens e serviços. Essa interligação influencia – direta e indiretamente – a transformação do lugar em decorrência das inúmeras ações externas que o alcança, através dos meios de comunicações e/ou transportes. Assim, o lugar passa a integrar um circuito, com sua função estrutural definida pelo processo de produção capitalista, desempenhando suas atribuições dentro da cadeia produtiva a qual faz parte.

Por outro lado, além de promover a interligação, as redes também propiciam a comunicação entre o local e o global. Para Santos (2014a), as redes possibilitam o reconhecimento de três níveis de solidariedade: na escala mundial, na escala dos territórios dos Estados e na escala local. As redes, ao mesmo tempo em que conectam essas totalidades, elas também evidenciam as particularidades das mesmas: “As redes são um vínculo de um

movimento dialético que, de uma parte, ao Mundo opõe o território e o lugar; e, de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo” (SANTOS, 2014a, p. 270).

Na Geografia, a categoria Lugar ganha destaque no debate dentro da Geografia Crítica e da Geografia Humanística, e essas duas correntes passaram a intensificar a relação entre o homem e o meio no debate conceitual. Na Geografia Humanística, de modo geral, as relações subjetivas estabelecidas entre o ser humano e o meio norteavam os debates fundamentados metodologicamente na associação da fenomenologia e existencialismo. Assim, esta corrente geográfica utilizava o Lugar como principal conceito em suas abordagens, estabelecendo um diálogo entre o homem, meio, natureza e vida social a partir da percepção, pensamentos, símbolos e ação (BUTTIMER, 1982).

O lugar na Geografia Humanística adquire significado de “espaço vivido” (CORRÊA, 1995), evidenciando as relações e experiências do indivíduo/ser humano com o espaço cotidiano. Daí a relevância da subjetividade nessas análises, ao mesmo tempo em que um espaço é significativo para um indivíduo, dotado de lembranças e sensações de pertencimento, esse mesmo espaço, para outro indivíduo, pode expressar outros significados. O lugar é um espaço de referência, de identidade, de emoções compartilhadas.

Em Geografia Crítica, o lugar assume a condição de singularidade, como uma fração do espaço com formação histórica, política, social, econômica e cultural, e por mais que esta formação esteja inserida nos fluxos da globalização, apresenta características particulares que o diferencia do resto do mundo. Essa análise tem como base o processo de globalização e a internacionalização da economia por meio da modernização das redes, que possibilita cada vez mais a interligação dos mais variados pontos do planeta. Nesta perspectiva, se por um lado o mundo tende a uma aproximação homogeneizadora, por outro lado, as singularidades do lugar se destacam, uma vez que a globalização não atinge de formar igual todos os lugares.

É dentro deste contexto que o lugar surge tanto como uma expressão do processo de homogeneidade do espaço imposta pela dinâmica econômica global, quanto uma expressão da singularidade, na medida em que cada lugar exerce uma função imposta pela divisão internacional do trabalho (LEITE, 1998, p.17).

Nessa perspectiva, o lugar é compreendido como produto das relações capitalistas, resguardando suas singularidades, desse modo, “cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais, por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal (o capitalismo)” (SANTOS, 2014b, p. 38). No entanto, a geografia crítica não utiliza apenas o aspecto econômico nas análises do lugar, mas adiciona a formação histórica e as relações estabelecidas cotidianamente entre os atores sociais. Assim, o lugar é compreendido como o espaço diariamente vivido pelo homem:

Significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenrolando, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhes são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construído e se impondo como consequência do processo de constituição mundial (CARLOS, 2007, p. 20).

A relevância do lugar para uma análise crítica do espaço decorre deste ser “nosso próximo”, onde se manifesta a cooperação e o conflito, a permanência e a mudança, a criação e a recriação das dinâmicas determinadas pelas ordens internas e externas. O cotidiano possibilita identificar e analisar as relações de vizinhança, assim como os conflitos e as diferenças manifestadas no lugar (SANTOS, 2014a).

Na várzea amazônica é visível essa noção de mudança e a lembrança em relação ao tempo do cultivo de lavouras, das grandes festas religiosas, do vai e vem das embarcações e do convívio familiar. Na perspectiva crítica, o lugar é compreendido como uma construção solidária entre o mundo, onde essa solidariedade se manifesta por três tipos distintos: o tipo de vida espontânea que “exprime a ordem local, fundada numa organização solidária que emerge do trabalho compartilhado da vizinhança, da emoção”; o tipo organizacional, “criada pela razão técnica, os cálculos e produtividade” e o tipo mercantil, estabelecido por diferentes normas “a um espírito de cálculo e previsão” (SILVEIRA, 1996, p. 67).

Deste modo, o lugar é pensado como produto das relações humanas, homem e natureza, conjunto das relações sociais estabelecidas cotidianamente, espaço “nosso próximo” que garante a estruturação de uma rede de significados e sentidos procedentes do processo histórico e cultural de nossa sociedade, por consequência, cria uma identidade local (CARLOS, 2007).

Na atualidade, a globalização da economia e a inovação nos meios de comunicação e transporte possibilitam uma interconexão entre inúmeros pontos do mundo simultaneamente, todavia, as inovações não são acessíveis a todos, em razão de seus valores econômicos e/ou étnico-culturais. O processo de globalização e a internacionalização da produção e do consumo possibilitaram que os lugares se tornassem cada vez mais especializados. Apesar do lugar estar circundado desses processos totalizantes, ele não apresenta prejuízo a sua identidade, dado que “[...] cada lugar, irrecusavelmente imenso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade” (SANTOS, 2014, p. 314).

O LUGAR E A VÁRZEA AMAZÔNICA

A várzea compreende a área das grandes faixas marginais dos leitos dos rios, que oscilam entre uma fase terrestre e outra aquática. Em consequência dessa oscilação, o ecossistema de várzea comporta organismos terrestre e aquáticos que se adaptaram às sazonalidades dos rios (SIOLI, 1985; LIMA; TOURINHO, 1994). Para Junk (1997), essa heterogeneidade espaço-temporal inclui as duas fases fluvial (cheia e seca), sendo fundamentais para o sistema de várzea, de forma interligada e não dissociada.

Isto posto, há que se estabelecer uma conexão entre o lugar e a várzea amazônica. Esse exercício se faz necessário pelo fato de a várzea apresentar, em sua maioria, unidade produtiva e unidade familiar indissociáveis das milhares famílias que vivem neste ambiente (MONTEIRO, 1981; MCGRATH, 1991;). A indissociabilidade ocorre pelo fato de a várzea assegurar tanto a moradia – lugar de socialidade da família, como o espaço de produção – e local das estratégias de reprodução social e econômica, uma vez que as atividades produtivas desenvolvidas se fundamentam na agricultura familiar e no extrativismo comunitário (Figura 1). Embora se tenha observado, há pouco tempo, que o desenvolvimento de atividades não-agrícolas em algumas das comunidades do Furo Cachoeiry, onde tais atividades possibilitam o afastamento do lugar – moradia e do lugar – produção, não há perda da identidade do indivíduo com o local em que ele reside.



Fonte: Arquivo pessoal (2018) .

Figura 1: Imagem da Casa e da horta de duas famílias camponesas da comunidade Santo Antônio – Furo Cachoeiry.

A respeito da relação entre a produção rural – atividade econômica do camponês amazônico, e o lugar em que vive, Alves (2004) relata que o entendimento dos elos de socialidade entre os moradores se processam na escala da comunidade: “o lugar é tido como a base da vida cotidiana e da sociabilidade entre as pessoas” (ALVES, 2004, p. 204). Deste modo, o sentimento de lugar está diretamente conexo às formas de solidariedade, às atividades lúdicas e as de cunho religioso, às relações de parentesco e vizinhança e da possibilidade de os filhos permanecerem tanto na propriedade e/ou comunidade como na atividade agrícola.

Constituída pela complexa inter-relação entre terra, floresta e água, a várzea se manifesta como paisagem humanizada, sobretudo quando ocupada por povos originários muito antes do contato com a colonização portuguesa, e posteriormente, com a ocupação dos ribeirinhos e comunidades quilombolas, de modo a configurar a várzea em múltiplos territórios (WITKOSKI, 2007). Enquanto lugar cotidiano do camponês amazônico reunido em comunidades ribeirinhas, de suas relações sociais com vizinhos e parentes, do “identitário ribeirinho” e das mais diversas formas de solidariedade religiosa, a várzea possibilita o entendimento da relação dialética entre o tradicional e o moderno de seu processo histórico de produção do espaço. A inserção de novos dispositivos nas comunidades de várzea reorganizou a dinâmica social, atividades recreativas e de produção, tais como: telefonia celular, acesso à internet, consumo de eletroeletrônico e transporte fluvial a motor que, de modo geral, provocou transformações sociais no mundo da várzea.

Uma das particularidades da várzea amazônica é o calendário climático que norteia a dinâmica da produção varzeira, pois, o regime fluvial apresenta quatro períodos distintos: enchente, cheia, vazante e seca. Esses períodos distintos sentidos na várzea estão divididos

por mês, da seguinte forma: fevereiro, março e abril são marcados pela enchente; maio, junho e julho caracterizam-se pela cheia do rio, nesse período o rio se encontra em seu nível mais alto; em agosto e setembro inicia a vazante, onde o nível do rio começa a descer; os meses de novembro a janeiro é o período de seca (PEREIRA, 2007).

A sazonalidade das águas do rio Amazonas (enchente-cheia, vazante, seca) fez com que os camponeses desenvolvessem estratégias para a prática da agricultura, tanto no período de seca, quanto no período de cheia. Uma dessas estratégias foi a técnica de canteiro suspenso e jiraus, construídos na forma de palafitas, que possibilita a produção, durante o ano todo, principalmente de espécies de hortifrúti (Figura 2).



Fonte: arquivo pessoal (2018).

Figura 2. Imagem do Canteiro de horta suspensa no período de enchente-cheia, na Comunidade São Luiz – Furo Cachoeiry (Oriximiná/PA).

O ribeirinho amazônico, além do calendário de plantio específico, que atende o regime da sazonalidade das águas do Amazonas, ainda convive com processo de erosão de terra, fenômeno natural que ocorre na várzea amazônica, que consiste na “quebra dos barrancos” e, conseqüentemente, com risco à propriedade familiar. Esse fenômeno faz parte do cotidiano e da cultura da população da várzea que, mesmo com o risco (perda material e humana) o encaram com “certa” naturalidade (MATOS; CURSINO, 2012).

As relações de vizinhança, de parentesco e o sentimento de pertencimento ao lugar são particularidades que evidenciam o sentimento e a identidade de “ribeirinho” ao lugar³. Outro aspecto relevante, que também manifesta essa identidade, são as atividades desenvolvidas nos três ambientes de várzea: a terra, a água e a floresta:

[...] os meios de produção fundamentais são a terra, a floresta e a água; a mão-de-obra utilizada nas diversas atividades do mundo econômico é, praticamente, familiar, há uma divisão sexual de trabalho na família – seja ela extensa e/ou nuclear; a tecnologia usada é simples, de limitado impacto sobre o meio ambiente; há uma relação simbólica com a natureza, através dos ciclos naturais, o que reflete na elaboração de estratégias de uso e manejo dos recursos naturais – que passam de geração a geração por via oral; importância das atividades de subsistência, ou seja, produção de valores de uso para si e para outros homens – mercadorias; os camponeses amazônicos participam de um mercado em rede; possuem clara noção de território, onde o grupo produz e reproduz econômica, social e politicamente; por fim, poder interno organizado de modo precário – em geral, o poder reside nas mãos de agente da comercialização (WITKOSKI, 2007, p.163).

Assim, para Witkoski (2007), a identidade de caboclo/ribeirinho, melhor, do camponês amazônico é uma das mais relevantes características da várzea, sendo necessário apontar as comunidades das áreas de várzea como coletividade de parentes e/ou de vizinhos. As comunidades de várzea, enquanto agrupamento agrário, são lugares onde se estabelecem relações de vizinhanças e parentescos, fundamentados na reciprocidade da cooperação e da solidariedade, uma vez que a sobrevivência de uma unidade familiar está associada à unidade familiar do próximo (CANTO, 2007; CRUZ, 2007).

Ainda, segundo Witkoski (2007), a terra como substrato da floresta e da água nunca, ou quase nunca assume valor de mercadoria, ou seja, valor de troca, pois, para o camponês amazônico, a terra sempre terá sentido de terra, destinada a ser trabalhada. O autor relata:

A terra e as riquezas que ela guarda são valorizadas como um patrimônio que cria as condições para que o camponês e sua família apareçam como trabalhadores de sua unidade de produção. A terra do camponês amazônico é a terra de várzea e, como tal, possui todas as características similares. Sem a enchente e a cheia, que fertilizam e sem a vazante e a seca, que propiciam as condições para que a terra seja fecundada, as várzeas como *terras de trabalho* não seriam possíveis (WITKOSKI, 2007, p. 191).

Entre as inúmeras formas de materialidade da reciprocidade de cooperação e solidariedade existentes nas comunidades varzeiras, as que ocorrem entre familiares (vizinhos ou não), no ambiente escolar e nas práticas religiosas são as mais significativas. O puxirum⁴ é uma das materialidades desta ação, pois consiste em uma atividade coletiva – convocada ou não, entre os vizinhos e/ou parentes para ajudar a desenvolver um trabalho que beneficiará uma família e/ou a comunidade como um todo (CONCEIÇÃO; COSTA SILVA, 2021). O desenvolvimento desta prática ocorre em atividades coletivas como: limpeza de uma área para o plantio de roça, colheita de determinado produto agrícola, ajuda mútua para enfrentar enchentes, dentre outras. Outra forma de reciprocidade de cooperação e de solidariedade praticada entre as famílias é o compartilhamento de produtos de atividade extrativa animal – o peixe e carne de caça:

[...] Se por acaso o vizinho, por alguma razão, não tiver peixe, ele quase sempre é lembrado pelo outro. A *solidariedade* é uma espécie de amálgama que garante a vida em comunidade, sem ela dificilmente eles conseguiriam se manter, enquanto uma unidade espacial (CANTO, 2007, p. 141).

Nesta perspectiva, optou-se pela abordagem do lugar para analisar a várzea por esta categoria geográfica que abrange a relação identidade-socialidade-grupo. A várzea amazônica, como lugar, não se difere muito de outros espaços e está submetida diretamente e indiretamente a constantes transformações socioeconômicas, culturais e espaciais ocasionadas, tanto por atores internos, como externos, como, por exemplo: introdução de novas funções (preservação ambiental, lazer, uso e aptidão de solo, moradia, etc.), novas formas de ocupação (pluriatividade e as atividades não-agrícolas) e, também, modificações nas relações de gênero e no cotidiano da população varzeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho desenvolveu-se uma reflexão referente à categoria geográfica *lugar*, no sentido de demonstrar sua importância para a compreensão e explicação dos processos sociais que configuram formas de existir do ser humano e seu meio. O esforço foi demonstrar que nos lugares, o *lugar* requer, na contemporaneidade, entendimentos de uma construção socioespacial, materializada na relação de cooperação e conflito entre os atores sociais.

Dessa forma, a simples associação do lugar a “uma necessidade antropológica” não consegue mais responder a constituição desta categoria geográfica, assim como, sua significação a um local cognitivo. Para o entendimento do lugar faz-se necessário a integração das ações e dos atores sociais, dos grupos e das trocas tanto materiais com imateriais no espaço.

O pensamento crítico em geografia busca fundamentar seus estudos numa perspectiva analítica mais ampla, que engloba a ação dos fenômenos externos para esse entendimento. Deste modo, o lugar está cada vez mais deixando a posição de espaço vivido em si para uma construção socioespacial que abrange múltiplas escalas dos processos sociais. Neste contexto, a várzea amazônica reúne o tradicional e o moderno, escalas do acontecer solidário que cada vez mais se aproxima e particulariza a vida social.

NOTAS

3 Para Neves (2009), a categoria de ribeirinho é bem aceita pelo produtor varzeiro quando este se encontra no âmbito político, devido assim ser reconhecido e designado neste campo: refere-se ao agente político. Deste modo, essa categoria assume significado diferente do que se estruturado no modo de autoidentificação, fundamentado no morador de uma comunidade.

4 Segundo CANTO (2007), essa modalidade de trabalho consiste, principalmente, na convocação ou espontaneidade de parentes e vizinhos que objetiva a ajudar a efetuar determinada atividade que beneficia diretamente uma família ou a comunidade como um todo, sem que haja remuneração direta de espécie, apenas a obrigação moral de ajudar o próximo quando for solicitado.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. **A dinâmica agrária do Município de Ortigueira (PR) e a reprodução social dos produtores familiares**: uma análise das Comunidades Rurais de Pinhalzinho e Vila Rica, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- CANTO, O. **Várzea e varzeiros da Amazônia**. Belém: MPEG, 2007.
- CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur, 2007.
- CONCEIÇÃO, F. S; COSTA SILVA, R. G. Puxirum no Tapajós: lutas sociais e (re) existências camponesas na Amazônia. In: PORTO JÚNIOR, F. G. R. et al (Orgs.). **Povos originários e comunidades tradicionais**. Vol 5: trabalhos de pesquisa e de extensão universitária. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. p. 144-167.
- COSTA SILVA, R. G. Das margens do Madeira ao interior da floresta: percursos da formação sócioespacial de Rondônia (1970-1995). In: ALMEIDA SILVA, A; NASCIMENTO SILVA, M. G. S; SILVA, R. G. C. (Orgs.) **Colonização, Território e Meio Ambiente em Rondônia**: Reflexões geográficas. 1ed. Curitiba: Editora SK, 2012, v. 1, p. 58-82.
- COSTA SILVA, R. G; CONCEIÇÃO, F. S. Agronegócio e campesinato na Amazônia brasileira: transformações geográficas em duas regiões nos estados de Rondônia e Pará. **Geographia** (UFF), [S./l.], v. 19, p. 54-72, 2017.
- CRUZ, M.J.M. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). São Paulo: PPGEO/FFCHL/USP, 2007. 274p.
- JUNK, W.J. General aspects of floodplain ecology with special reference to Amazonian floodplains. In: **Ecological studies**. The Central Amazon floodplain. Ed. Springer. v. 126, 1997.
- LEITE, A. F. O Lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**- 1998 V. 21.
- LIMA, R. R.; TOURINHO, M. M. **Várzeas da Amazônia brasileira**: principais características e possibilidades agropecuárias. Belém: FCAP/Serviço de Documentação e Informação, 1994.
- MATOS, J. de A.; CURSINO, A. M. da S. Caracterização geomorfológica das “terracas” em área de várzea na comunidade Miracauera, Careiro da Várzea-AM. **Revista Geonorte**, v. 1, n. 4, ed. especial, p. 515-525, 2012.
- MCGRATH, D.G., *et al.* Varzeiros, geleiros e o manejo dos recursos naturais da várzea do Baixo Amazonas. In: **Seminário do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**: papers do NAEA n.04. Belém: UFPA, 1991. 56p. Não publicado.
- MONTEIRO, S. T. **Anotações por uma história rural do médio Amazonas**. Manaus: EMATER-AM, 1981. 96 p.
- MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- NEVES, D. P. Os ribeirinhos-agricultores da várzea: forma de enquadramento institucional. **Novos Cadernos NAEA**, v. 12, n. 1, p.67-92, jun. 2009.
- PEREIRA, H. S. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do Rio Solimões-Amazonas. In: FRAXE, T. J. P; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (orgs.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007, p. 07-52

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado:** Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. Em colaboração com Denise Elias. 6.ed. 2. reimp. São Paulo: EdUSP, 2014a.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar.** 1.ed. 3. reimp. São Paulo: EdUSP, 2014b.

SILVEIRA, M. L. Uma teoria geográfica da sociedade: razão global e razão local. In: CARLOS, A. F. A. (org). **Ensaio de Geografia contemporânea:** Milton Santos obra revisitada. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 63-72.

SIOLI, H. **Amazônia:** fundamentos da ecologia da maior região de floresta tropical. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOUZA, M. L. de. Lugar e (re[s])significação espacial. In: **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 111-134.

WITKOSKI, A.C. **Terras, florestas e águas de trabalho:** os camponeses amazônicos e as formas de uso de sus recursos naturais. Manaus: EdUFAM, 2007. (Série: Amazônia: a Terra e o Homem).